
(ENTRE) LINHAS E GRADES: o espaço da
prisão em *Hag seed*, de Margaret Atwood

2

(BETWEEN) LINES AND GRIDS: the prison
space in *Hag seed*, by Margaret Atwood

ALMEIDA, Gil Derlan Silva

Doutorando e Mestre em Letras- Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGeL) da Universidade FederAÇal do Piauí (UFPI).

Professor EBTT- Letras Português/Inglês do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)- Campus Bacabal

E-mail: gilderlanalmeida@ufpi.edu.br

ORCID ID- <https://orcid.org/0000-0002-0270-5149>

LOPES, Sebastião Alves Teixeira

Estágio de Pós-Doutorado pela Universidade de Winnipeg, Canadá (2006-2007) e Universidade de Londres/Faculdade de Estudos Orientais e Africanos (2013-2014).

Doutor em Letras/Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Letras e da Coordenação de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

E-mail: slopes10@uol.com.br

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6912-0105>

*Welcome, gentlemen all," says the one in the lead.
"Welcome to the good ship Tempest, which you are
now aboard. I'm the Boatswain and these are my
sailors. We're sailing you across the sea to a desert isle.
Don't be worried if there's some strange noises, it's part
of the play.¹ (ATWOOD, 2018, p. 2678-2681)*

RESUMO

Entendendo o espaço como um importante ponto de análise nas obras literárias, bem como todas as interpretações que advém da consideração deste elemento como mais que um ponto sólido e físico no bojo desses estudos, este artigo objetiva analisar o espaço simbólico da prisão na narrativa da escritora canadense Margaret Atwood, mais precisamente em *Hag Seed* (2018). A obra que é uma releitura do clássico canônico inglês *A Tempestade* (2014), de William Shakespeare, desenrola suas

¹ Tradução nossa: Bem-vindos, senhores," diz aquele que está no comando. "Bem-vindos ao bom navio de A Tempestade, no qual você está agora a bordo. Eu sou o contramestre e estes são meus marinheiros. Estamos navegando com você pelo mar até uma ilha deserta. Não se preocupe se houver alguns ruídos estranhos, faz parte da peça.

ações na figura de um ex-diretor de teatro que busca vingança, e que dentro do espaço prisional revela-nos mais sobre sua identidade e sobre que pontos o mantém envolto nessa mística da prisão, que o encarcerara, por vezes não só fisicamente, mas psicologicamente. Como metodologia, foi-se usada pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, e como aporte teórico, nomes como Brandão (2013); Foucault (1987, 2003, 2013); Goffman (2015) e Hall (2006). Podemos perceber que o espaço que aprisiona os personagens, institui essa privação para além do corpo físico, permeando o simbólico e refletindo nos comportamentos e ações das personagens que compõem o enredo da narrativa analisada.

Palavras-chave: Margaret Atwood; *Hag Seed*; espaço; prisão.

ABSTRACT

Understanding the space as an important point of analysis in literary works, as well as all the interpretations that come from considering this element as more than a solid and physical point in the midst of these studies, this paper aims to analyze the symbolic space of prison in the Canadian narrative by Margaret Atwood, more precisely in *Hag Seed* (2018). The work, which is a reinterpretation of the English canonical classic *The Tempest* (2014), by William Shakespeare, unfolds his actions in the figure of a former theater director who seeks revenge, and who, inside the prison space, reveals more about his identity and what points keep him immersed in this mystique of the prison, which at times made him arrested, not only physically, but psychologically. As a methodology, a qualitative bibliographic research was used, and as a theoretical background, names such as Brandão (2013); Foucault (1987, 2003, 2013); Goffman (2015) and Hall (2006). We can see that the space that imprisons the characters, institutes this deprivation beyond the physical body, permeating the symbolic and reflecting on the behavior and actions of the characters that make up the plot of the analyzed narrative.

Keywords: Margaret Atwood; *Hag Seed*; space; prison.

INTRODUÇÃO

A escrita de Margaret Atwood é marcada pelo forte tom distópico e pelo caráter, muitas vezes feminista encontrado em suas produções. A autora canadense que já foi premiada mundialmente e hoje configura um dos nomes mais fortes na escrita contemporânea de língua inglesa reconstrói em 2016, com a publicação de *Hag Seed*, o universo

shakespeariano de *A tempestade*, publicado inicialmente em 1623. Com um novo prisma e ancorada numa nova modelagem para os personagens e enredo, a trama do grande bardo assume as feições contemporâneas e o enredo passa a englobar uma gama de novas possibilidades. No entanto, mantendo a fidelidade ao espaço lançado no original clássico, Atwood preserva a ilha de Próspero, só que agora estabelecendo-a em outra localização e como novas feições.

Em *A tempestade* (2014), de William Shakespeare, presenciamos os conflitos de Próspero, sua filha Miranda e seu plano de vingança contra aqueles que o relegaram a morte no mar, mas que por força do destino não tiveram a tarefa concretizada, desenrolando em Próspero e Miranda como sobreviventes e chegando a uma ilha, onde desta fariam seu novo lar. A ilha, habitada por espíritos e seres místicos, parece ser a possibilidade de se manter vivo até o retorno para o lar na Europa. Próspero, outrora duque de Milão, está preso majoritariamente com a filha, que ainda é um bebê, Caliban, um monstro que mistura características de homem e peixe, totalmente transfigurado e Ariel, o espírito serviçal que cumpre seus mandos e desmandos.

Enquanto isso em *Hag Seed*, Félix Philips perde seu cargo de diretor artístico da companhia de teatro de Makeshiweg, usurpado pelo companheiro Tony, e tendo que conviver com a áurea de luto pela perda da filha Miranda em consequência de uma meningite. A ilha desse novo Próspero, ou melhor de Félix, na trama atwoodiana é a Penitenciária Fletcher, local que servirá como a ilha no meio de uma cidade interiorana no Canadá, para a concretização de seu plano de vingança e retorno ao antigo posto de grande nome do teatro canadense.

Aqui, propomo-nos a analisar o elemento espacial de *Hag Seed*, mais especificamente a prisão e os desdobramentos de ações e comportamentos que nesta ocorrem. Tomando como norte o espaço e as implicações dessas teorias dentro dos estudos literários vemos que as paredes frias e gélidas da penitenciária não são apenas o ambiente de elaboração e preparação de um plano de vingança, mas o espaço que, como uma ilha para Próspero, aprisiona simbolicamente, encarcera psicologicamente e desperta a ira e dor em quem lá habita.

Se Próspero tem em sua ilha o seu novo lar, Félix tem esse na prisão em que agora trabalha como professor de teatro. Com o novo nome de Mr. Duke, nossa personagem usa desse espaço como seu novo centro de operações e templo. Assim, ambos os personagens constroem seus novos reinos em suas respectivas ilhas e prisões. Se para um, o maior desejo é retornar para a Europa e recuperar seu ducado; para o outro, é voltar para o cargo de diretor artístico, o que não deixa de ser uma analogia a seu ducado. Temos, então, aqui a construção de uma discussão na qual nos deparamos com dois reis destronados e

empossados ao mesmo tempo. Cada um perdeu alguma coisa e ganhou outra, a conta pode não parecer justa para aqueles que prezam pela vingança e pela vitória dos injustiçados, mas cada qual a sua maneira tem seu novo espaço e os recursos que deste advém para a execução de seus planos de reconquista.

Por conseguinte, traçamos a escrita deste trabalho com uma discussão que caminha por pontos a fim de entender modestamente a teoria sobre espaço e os estudos literários, cruzando-os a esta ilha ficcional da narrativa de *Hag Seed*, voltando-nos para os espaços de prisão que a referida obra apresenta. Entendemos que há muitas implicações e possibilidades dentro desses espaços do que apenas meramente uma concretude física, pois devem ser tomados como instâncias que revelam muito das narrativas, dos discursos e das entrelinhas em cada que compõe uma obra literária. A prisão, espaço aqui escolhido para análise, carrega consigo um enorme arcabouço de pontos a serem dialogados e refletidos com o leitor desta pesquisa. Começemos assim.

POR TRÁS DOS MUROS DA PRISÃO

O espaço é aqui tomado como um elemento da narrativa que vai muito além da representação geográfica e física de um ambiente. É necessário que este seja entendido como um aparato da trama que carrega consigo entendimentos e implicações para a compreensão do próprio enredo pelo leitor. Se na leitura da narrativa de Margaret Atwood, a Penitenciária Fletcher for vista apenas como uma casa que abriga os mais diversos criminosos de uma região, esse espaço passa por uma redução, mas se visto sob uma ótica de como os espaços de prisão, cerceamento e privação de liberdade interferem no indivíduo, esta passa a ter outra conotação, um ponto simbólico que aqui nos interessa e reverbera de forma diferente para a compreensão da trama atwoodiana.

Os espaços dentro do texto literário são dotados de subjetividades, identidades e um emaranhado de experiências dos que os habitam. Esse terreno, por vezes, se faz um campo político de disputas, embates e especificidades importantes de serem tomadas. Isso acontece porque sobre a visão de entender o espaço numa ótica que advém dos estudos culturais, vemos que

Tais negociações entre política e teoria tornam possível pensar o ligar teórico como uma metanarrativa demandando uma forma mais total de generidade. Nem é possível demandar certa distância epistemológica familiar entre o tempo e o espaço do intelectual e do ativista, como

Fanon sugere quando observa que “enquanto os políticos situam sua ação nos eventos do presente atual, os homens de cultura tomam lugar no campo da história.” É precisamente esse popular binarismo entre teoria e política, cuja base fundacional é uma visão de saber como generalidade totalizante e de vida cotidiana como experiência, subjetividade e falsa consciência, que eu tentei negar. (BHABHA, 2018, p. 30)

Isso implica dizer que o fundamento estruturalista que toma o espaço como um elemento geográfico e físico, desprovido de características que tenham uma interface com a cultura é ultrapassado e não cabe mais nesta visão para se analisar a tessitura literária. Esse espaço não é aqui entendido como uma cela de cadeia lotada de presos, nem como um pátio para um banho de sol, ou tampouco uma ilha de altas árvores e bichos, apenas. Mas, como um *lócus* politizado e que nele reverberam jogos sociais que implicam em poder, recusa, aceitação e estabelecimentos de normas. Se para Michel Foucault (2013, p. 43), “a prisão é onde o poder se manifesta num estado puro”, para a narrativa de *Hag Seed*, essa prisão é onde Félix usará de quaisquer artimanhas e jogos de poder para ter seu “ducado” de volta.

Para nossa personagem, o cargo que agora ocupa, como professor do programa de ressocialização de detentos por meio da literatura e do teatro, é uma posição de poder dentro desse ambiente da prisão. Se concordamos com Hall (2006, p. 71) que “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos”, temos que inferir que neste espaço habitam simbolicamente jogos de interesse, convergências, embates e divergências. Uma vez que o plano de Félix não estava às claras, era necessária uma maquiagem sobre suas ações. Da mesma maneira que o ator ou atriz se prepara para entrar em cena com suas pinturas e indumentárias, o plano de vingança a ser desenrolado na prisão precisava de um disfarce.

É transformando a prisão em sala de aula, a sala de convivência em um palco e os detentos das mais variadas índoles e feitos em atores para a recriação de uma nova roupagem para *A Tempestade*, que o senhor Philips planeja suas ações e seu retorno triunfal. Com seu plano de vingança elaborado e procurando destronar aqueles que lhe fizeram mal, Félix faz da Penitenciária Fletcher, seu novo lar, ao descrever inicialmente o local, vemos:

The hallway is in no way dungeon-like: no chains, no shackles, no bloodstains, though there are some of those backstage, as he understands. The walls are painted a medium-light green, on the theory that this

shade is calming to the emotions—not like, for instance, a passion-inflaming red. If it weren't for the absence of bulletin boards and posters, this might be a university building of the more modern sort. The floor is gray, of that composition substance that wishes to look like granite but fails. It's clean, with a slight polish. The air in the corridor is static and smells of bleach. (ATWOOD, 2018, p. 1009-1013)²

Percebemos, que à primeira vista, a penitenciária não demonstra ter claramente a aparência de uma instituição prisional comum. Pensada como um local que, por meio da arte, pudesse ressocializar aqueles detentos, o local passa uma certa neutralidade, o que também não espanta Félix imediatamente. Isso é muito importante, pois a personagem precisa de adequar ao lugar e ganhar a confiança daqueles que lá estão.

As prisões são particularmente vistas como locais de violência. Dentro da conceituação clássica de Foucault (2003) enquadram-se nos grupos das heterotopias de desvio, pois abarcam em seu bojo os indivíduos que apresentam condutas desviantes em relação ao bem-estar e convívio social, como a exemplo é o caso de hospitais psiquiátricos, internatos, asilos etc. Assim, para Foucault

As heterotopias possuem sempre um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço circundante”, constituindo uma população, o doente mental, o delinquente... “Em geral, não se entra em uma heterotopia como em um moinho, entra-se porque se é obrigado (as prisões, evidentemente), ou entra-se quando se foi submetido a ritos, a uma purificação. (FOUCAULT, 2003, p. 136)

É exatamente o caso que a narrativa de *Hag Seed* apresenta, os criminosos que habitam essa ilha são provenientes das mais diversas partes do país e cometeram os mais inimagináveis crimes, desde fraudes fiscais até assassinatos e estupros. O programa educacional tem o objetivo de, por meio do teatro, incentivar os hábitos de leitura e promover uma socialização mais amigável entre os detentos, pensando inclusive em suas vidas no pós-prisão. O espaço ali funciona inicialmente como um amontoado de sujeitos que parecem não ter nenhuma outra

² Tradução nossa: O corredor não parece de forma alguma uma masmorra: sem correntes, sem algemas, sem manchas de sangue, embora haja alguns desses nos bastidores, como se percebe. As paredes são pintadas de verde-claro médio, com base na teoria de que esse tom acalma as emoções - não como, por exemplo, um vermelho que inflama a paixão. Se não fosse pela ausência de quadros de avisos e pôsteres, este poderia ser um prédio universitário do tipo mais moderno. O chão é cinza, daquela substância de composição que quer parecer granito mas falha. É limpo, com um leve polimento. O ar no corredor está estático e cheira a alvejante.

saída, senão se adequar à situação. O curso não aparenta estar indo bem, isso se faz visível com o pedido de demissão do antigo professor, que não consegue nem promover o interesse dos alunos, tampouco mostrar resultados satisfatórios para que as autoridades governamentais continuem investindo no projeto. Como na ilha de Próspero, Félix se depara com um grande desafio, está encurralado em um lugar de onde talvez não possa sair, sem mostrar os resultados que o projeto precisa, às custas de que esse feche permanentemente.

Enquanto Próspero, atracado com a bebê Miranda. Não resta alternativa a não ser desbravar aquele novo lugar e se estabelecer da melhor forma possível. Para o segundo, a prisão de Fletcher é o espaço do desenrolar de sua única oportunidade de vingança, abrir mão dali seria se conformar com a condição em que estava de traído e enganado. Os dois estão presos em algo maior que um espaço físico, pois aqui entendemos a própria vingança como um espaço de prisão. Entendendo-a como uma prisão simbólica, os dois não conseguem e não querem se libertar da amarra, porque o preço para essa liberdade seria alto demais, Félix não suportaria perder a chance de reconquistar a vida que outrora lhe fora usurpada. Ainda para Foucault,

as prisões não diminuem a taxa de criminalidade”; “a detenção provoca a reincidência”; “a prisão não pode deixar de fabricar delinquentes”; “a prisão [...] favorece a organização de um meio delinquente”; “as condições dadas aos detentos libertados condenam-nos fatalmente à reincidência”; “a prisão fabrica indiretamente delinquentes, ao fazer cair na miséria a família do detento. (FOUCAULT, 1987, p. 251-254)

Nessa ótica, de início seria difícil de ver a mudança nos detentos que eram alunos do programa de ressocialização, pois sua atuação profissional está intimamente ligada com interesses escusos e pessoais, mas entendemos que Félix opera mudanças com seu trabalho, ainda que esta seja uma máscara para seu plano de vingança. É interessante frisar que a própria Atwood apresenta algumas prisões que podem ser elencadas simbolicamente dentro na narrativa da obra *A Tempestade*, como podemos ver no quadro abaixo que introduz o capítulo 20 de *Hag Seed*.

Figura 1: Quadro dos espaços de prisão em *Hag Seed*

Prisioneiro	Prisão	Carcereiro
Sícorax	Ilha	Governo de Argel
Ariel	Pinheiro	Sícorax
Próspero e Miranda	Barco furado	Antônio e Alonso
Próspero e Miranda	Ilha	Antônio e Alonso
Calibã	Gruta nas pedras	Próspero
Ferdinando	Encantamento, correntes	Próspero
Antônio, Alonso e Sebatião	Ilha, encantamento, loucura	Próspero
Estéfano e Trínculo	Tanque de lama	Ariel e espíritos caninos, por ordem de Próspero

Fonte: ATWOOD, 2018, p. 129.

Vemos que cada espaço representa uma prisão para um ou mais personagens e também é guardado por um ou mais carcereiros. Chamando atenção para a ilha como um espaço de prisão, podemos percebê-la como prisão comum a mais de uma personagem, a exemplo de Próspero e Miranda que lá foram parar, mas também de Sícorax, lá aprisionada pelo governo da Argélia. Em se tratando de *Hag Seed*, a penitenciária funciona como prisão ao passo que funcionaria como um palco para as ações do protagonista, o local que o aprisiona é o mesmo que lhe dá a liberdade de performar o falso professor, pois este não teria possibilidade de fazer isso em outro ambiente. Felix, almeja fazer daquela prisão um local de encarceramento para seus inimigos, que quando estiverem envoltos em seu plano serão como um Caliban numa cela ou um Ariel num pinheiro, a exemplo do quadro acima. "But what kind of island is it? Is it magic in itself? We never really know. It's different for each one of the people who's landed on it. Some of them fear it, some of them want to control it. Some of them just want to get away from it." (ATWOOD, 2018, p. 1462-1463).³

A dinâmica do espaço da prisão é tida como um importante aparato para a consolidação das redes de poder do Estado sobre a população. Desta maneira, cada vez mais o detento é tido como um sujeito que está às margens da sociedade. Se na obra de Shakespeare, os relegados foram conferidos ao espaço da ilha, vemos que este funcionaria como um

³ Tradução nossa: Mas que tipo de ilha é? É mágica em si mesma? Nunca sabemos realmente. É diferente para cada uma das pessoas que desembarcaram nela. Alguns deles temem, outros querem controlá-la. Alguns deles só querem fugir de lá.

receptáculo para os excluídos. O mesmo acontece com a prisão canadense do enredo atwoodiano. Lá habitam os mais variados criminosos, que segundo as leis demonstram ameaça a sociedade e são os sujeitos por primazia de uma heterotopia de desvio foulcautiana.

Essa característica de entender os detentos como sujeitos que estão sempre em falta com a sociedade, além de reforçar as heterotopias foulcautianas já mencionadas, corrobora com a condição pós-moderna presente no enredo de *Hag Seed*. Podemos perceber isso pelo alto teor de segurança imposto a absolutamente todos que frequentam o local. São revistas, dispositivos de detecção de objetos possivelmente perigosos etc. Bauman já afirmava que

Tem havido uma marcante mudança de ênfase da modalidade do bem-estar social para a modalidade penal... O modo penal, além de estar se tornando mais importante, também ficou mais punitivo, mais expressivo, mais voltado para a segurança [...]. O modo do bem-estar social, além de se tornar mais silencioso, ficou mais condicional, mais centrado no delito, mais consciente dos riscos... Os transgressores... têm agora menos probabilidade de ser representados no discurso oficial como cidadãos socialmente carentes que precisam de apoio. Em vez disso, são apresentados como indivíduos que merecem ser castigados, indignos e um tanto perigosos. (BAUMAN, 2007, p.53).

Isso na obra se reforça diariamente com as constantes revistas e fiscalizações que o Sr. Duke, nome fictício que Félix adota para sua identidade de professor, passa na cadeia. Em um exercício proposto para os detentos, podemos perceber como o espaço da prisão habitado pelos alunos é algo que suscita características diferentes de acordo com o interior de quem lá está. Na própria obra, vemos que “The island is a prison, and where there are prisons there have to be enforcers. Otherwise everyone inside would simply get out and run away.” Emphatic nodding. (ATWOOD, 2018, p. 1671-1672)⁴. O responsável por uma ilha seria Próspero, da outra Félix, os dois homens têm ali seu espaço de vivência e a execução de seus planos, mas além de estarem numa prisão física, não estariam em outra prisão simbólica? Questionamos aqui se a própria vingança não seria uma prisão que encarcera cada personagem. Afinal, no caso de Félix Philips por que não simplesmente desistir dessa vingança

⁴ Tradução nossa: A ilha é uma prisão e, onde há prisões, deve haver executores. Caso contrário, todos lá dentro simplesmente sairiam e fugiriam.” Aceno enfático.

e aproveitar os dias de sua velhice longe do teatro canadense que lhe trouxe tantas alegrias, mas uma enxurrada de dor junto?

É muito interessante discorrer sobre como a ilha e prisão funcionam de uma forma diferente para cada personagem. Em uma aula sobre prisões para os detentos, o professor mostra como esse espaço é interpretado de muitas maneiras. Enquanto para Miranda, a ilha é a única casa que conhece, para o próprio pai é a prisão de onde tanto almeja sair. Para Antonio é a oportunidade de assassinar o rei Alonso junto com Sebastian. Para o próprio Alonso é o local da perda do filho, que ele acreditara ter morrido no naufrágio. Podemos ver que "For Alonso, the King of Naples, the island is a place of sorrow and loss, because he believes his son, Ferdinand, has been drowned offshore" (ATWOOD, 2018, p. 1478-1479).⁵

Já para outros personagens, vemos uma interpretação totalmente diferente: "Also they're drunk. Like Antonio and Sebastian, they see the island as a place of opportunity. They want to exploit the gullible Caliban by making him their servant; they even consider exhibiting him as a freak or selling him, once they get back to civilization." (ATWOOD, 2018, p. 1492-1494).⁶ A partir disso, podemos perceber que como esses espaços de prisão desencadeiam coisas diferentes em cada um, dependendo do humor e até mesmo dos possíveis traumas. Isso acontece por conta da natureza social desse espaço. Dentro do texto literário, os espaços são engendrados por procedimentos que nos fazem entendê-lo como um conjunto que instiga manifestações extremamente ligadas ao nosso pessoal e que dialogam com a narrativa à medida que conhecemos o verdadeiro eu de um personagem, a exemplo de espaços com alta carga afetiva de amor, carinho e outros de raiva, desprezo e dor.

Sobre a representação desses espaços e tomando por base uma abordagem mais voltada aos estudos culturais, é interessante frisar que há uma forte ligação dessas representações com as identidades sociais. Isto acontece porque na medida que somos seres dialógicos, vemos que cada espaço nos afeta com um maior ou menor grau de determinação, funcionando muitas vezes como gatilhos ou até escapes de fatos de nossas vidas.

A prisão, entendida por nós, como um reduto do homem que tem problemas com a sociedade é o espaço perfeito para a vingança, para a

⁵ Tradução nossa: Para Alonso, o rei de Nápoles, a ilha é um lugar de tristeza e perda, porque ele acredita que seu filho, Ferdinand, morrerá afogado no mar.

⁶ Tradução nossa: Além disso, eles estão bêbados. Como Antonio e Sebastian, eles veem a ilha como um lugar de oportunidades. Eles querem explorar o ingênuo

Caliban, tornando-o seu servo; eles até consideram exibi-lo como uma aberração ou vendê-lo, assim que voltarem à civilização.

ira e para a busca por justiça que o personagem almeja. Esse espaço abriga as mais diversas facetas do comportamento humano, reunindo seres que são ditos de atitudes desviantes da moral e bons costumes de convívio social. Sobre o espaço literário:

É tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas com balizas mais ou menos deterministas. [...] projeções sobre o entorno, de sensações, expectativas, vontades, afetos de personagens e narradores, segundo linhagens variadas de abordagem da subjetividade. (BRANDÃO, 2013, p. 59)

Na trama atwoodiana, ainda temos a analogia da ilha de *A Tempestade* como um teatro, pois nela as personagens funcionariam como marionetes nas mãos de Próspero, o mesmo acontece em *Hag Seed*. Após conseguir a confiança dos diversos seguranças e administradores da penitenciária Fletcher, nossa personagem tem algumas regalias, como a livre entrada de produtos até então proibidos para uma cadeia, mas que são indispensáveis aos seus planos. Ademais, os detentos que são seus alunos no programa de teatro funcionam como os serviçais de seus planos velados. "The island is many things, but among them is something he hasn't mentioned: the island is a theatre. Prospero is a director. He's putting on a play, within which there's another play. If his magic holds and his play is successful, he'll get his heart's desire. But if he fails..." (ATWOOD, 2018, p. 1508-1510).⁷ Félix não conta com um, mas vários Arieis ao seu dispor.

É importante ressaltar que essa condição de marionetes performada pelos detentos servindo a Félix, não é unicamente um atributo pertinente da condição de alunos. Nas pesquisas de Erving Goffman sobre prisões e outras instituições totais, podemos perceber o que o autor chama de *mortificação do eu* (GOFFMAN, 2015). Sendo uma das características mais comuns do espaço prisional, essa condição acentua a vulnerabilidade do preso aos hábitos que lhe são paulatinamente impostos, ficando este ser totalmente à deriva de mandos e desmandos, com uma constante deterioração de suas individualidades e subjetividades, o que torna mais fácil de ser manipulado e obedecer a ordens. Como vemos:

⁷ Tradução nossa: A ilha é muitas coisas, mas entre elas está algo que ele não mencionou: a ilha é um teatro. Prospero é um diretor. Ele está encenando uma peça, dentro da qual há outra peça. Se sua magia se mantiver e seu jogo for bem-sucedido, ele alcançará o desejo de seu coração. Mas se ele falhar ...

O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele. (GOFFMAN, 2015, p. 24)

À medida que o tempo passa dentro da prisão o indivíduo fica mais vulnerável ao processo de mortificação que poda e dilacera sua identidade, dentro desse espectro não é de se estranhar que os detentos cumpriram todas as vontades de Félix e o ajudaram em cada ponto minucioso da execução do plano de vingança, que culminou com a revelação da traição de Tony em tomar seu posto e expulsá-lo da companhia de teatro e do festival de Makeshiweg.

Entendendo as prisões como instituições totais, à luz dos estudos de Goffman, mas também enxergando-as como heterotopias, sob os diálogos de Foucault, vemos que, na narrativa de *Hag Seed*, a personagem usa do espaço da prisão como um palco para a encenação de suas peças, mas também para a concretização de seu plano de vingança. Se Felix, assim como Próspero, tem seus espaços bem delimitados: a ilha e a penitenciária Fletcher, vemos que a vingança que cada um carrega consigo é seu verdadeiro carcereiro de suas penas.

Os dois homens prendem alguns personagens com suas ações, a exemplo de Ariel e Caliban na trama shakespeariana; Miranda, sempre presa a Félix na trama atwoodiana, bem como Estelle, sempre à disposição também do diretor que a usa em diversos momentos para conseguir benesses indispensáveis ao seu stratagema. No entanto, os verdadeiros enjaulados são os dois. Somente com a concretização desses planos eles seriam livres. Livres como o espírito Ariel ao fim da sua missão, como Miranda ao fim do plano do pai Félix. A verdadeira prisão é simbólica, dolorosa, metaforizada numa vingança, sentida na pele e experienciada por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que o espaço ficcional, em grande parte das vezes, mostra características que vão além da construção de um entendimento físico e rijo. Esse espaço que funciona como o gatilho de situações e comportamentos em muitas tramas, aqui nos é apresentado como um espaço de prisão que não só encarcera fisicamente as personagens, mas, que simbolicamente, também é responsável pela

prisão psicológica de alguns nomes da história atwoodiana.

Assim, definindo, por fim, os espaços de prisão de Félix, podemos colocá-lo em duas conjunturas: a prisão de Fletcher e a própria vingança que o prende constantemente no passado. A exemplo de Próspero, que também tem em sua vingança uma prisão simbólica, nosso personagem só avança após ter tudo concluído. É necessário que um ciclo se feche para que outro possa começar. A mortificação do eu, conceito já mencionado na teoria de Goffman, faz que Félix use Miranda, Anne e Estelle. Se os processos de mortificação desencadeiam crises com sua própria identidade, estes também revelam lados obscuros, que se acentuam no ambiente da prisão não só para os presos, mas para todos os envolvidos nesse espaço.

Não há dúvidas que o desfecho da vingança de Félix seria concretizado, porque não importasse o que ou como, isso teria que ser atingido. A prisão modifica o ser, revela suas intencionalidades mais sórdidas, questiona a alteridade de sua subjetividade, e sobre qualquer coisa lhe transforma num prisioneiro que vai além do corpo físico. Como no final da trama, Miranda personificada em Ariel é liberta de uma outra prisão: a servidão e companhia daquele pai vingativo, talvez o protagonista de *Hag Seed* também ache a sua redenção e escape desse espaço que também o faz refém.

Por fim, mas não menos importante, é interessante destacar como os estudos literários ainda carecem de investigação e análise sobre espaços ficcionais fechados e mais reclusos, referimo-nos aqui a casas, prisões, instituições totais e não totais etc. Se uma gama de produções acha terreno para discorrer sobre a cidade, a metrópole, talvez outra devesse ter atino para os outros pormenores que compõem esses grandes espaços. Se por um lado, o espaço de tais prisões gera a repulsa, medo e a sensação de privação, por outro para Félix e Próspero é justamente na incongruência desses espaços que o desejo de vingança tem condições de se fazer real.

Entre o mundo real e o da prisão se polarizam inúmeras significações, que como já mencionado por Foucault (2003) talvez sejam o *inverso da sociedade*. Como um espelho, tal qual a heterotopia do filósofo francês, temos o reflexo do melhor e do pior de cada um neste espaço. O que se mostra de cada um acaba sendo a revelação do que se pensara estar escondido e guardado apenas para si, ou seja, na prisão, onde, em tese, se postula a primazia do encarceramento, libertam-se e revelam novos comportamentos e ações.

REFERÊNCIAS

ATWOOD, M. **Hag-Seed**. London: Hogarth, 2018.

ATWOOD, M. **Semente de Bruxa**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2018.

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. L. Reis e Gláucia R. E. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

BRANDÃO, L. A. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos: Estratégia, poder-saber**. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26. ed. São Paulo: Graal, 2013.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOFFMAN, E. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SHAKESPEARE, W. **A tempestade** = The Tempest. Tradução de Rafael Raffaelli. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. (Edição bilíngue).

SUBMETIDO EM: 09/08/2022

ACEITO EM: 11/12/2022